

## **CINELÂNDIA BAURUENSE – IDENTIDADE, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO**

Vinicius Sales Barbosa<sup>1</sup>  
Fabio Paride Pallota<sup>2</sup>

**Resumo:** A cidade de Bauru possuiu no século XX seu crescimento exponencial devido à ferrovia, que possibilitou o comércio cafeeiro com outras regiões. A elitização dos espaços, causada por uma elite cafeeira, ocasionou a criação da Cinelândia Bauruense, complexo de cinemas de rua compreendidos no centro da cidade, semelhante ao construído nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. O presente artigo buscou trabalhar a importância da História para a preservação da memória enquanto fundamento para a construção da identidade das sociabilidades urbanas. O esquecimento da memória coletiva da Cinelândia, marcado pelo declínio dos cinemas de rua devido ao nascimento dos cinemas no *Shopping*, ocasionou a transformação da identidade bauruense criada ao longo do século XX e remodelada no século XXI.

**Palavras-chave:** Cinelândia Bauruense; Identidade; Memória e Esquecimento.

## **CINELÂNDIA BAURUENSE – IDENTITY, MEMORY AND FORGETFULNESS**

**Abstract:** The city of Bauru had its exponential growth in the twentieth century due to the railroad, which enabled coffee trade with other regions. The elitization of spaces, caused by a coffee elite, led to the creation of Cinelândia Bauruense, a complex of street cinemas in the city center, similar to the one built in the cities of São Paulo and Rio de Janeiro. The present article sought to work on the importance of History for the preservation of memory as a foundation for the construction of the identity of urban sociability. The oblivion of Cinelândia's collective memory, marked by the decline of street cinemas due to the birth of theaters in the Mall, led to the transformation of the Bauru's identity created throughout the twentieth century and remodeled in the 21st century.

**Keyword:** Cinelândia Bauruense; Identity; Memory and Forgetfulness.

---

<sup>1</sup> Pós-Graduando do curso de especialização História, Cultura e Poder pelo UNISAGRADO - Centro Universitário Sagrado Coração em Bauru (São Paulo) e graduado em História pela mesma instituição. Professor de História do Ensino Fundamental II. E-mail: vinisalesb@outlook.com. (<http://lattes.cnpq.br/5328883866012022>)

<sup>2</sup> Mestre em História Cultural pela UNESP/Assis-SP. Professor do curso de História do UNISAGRADO - Centro Universitário Sagrado Coração em Bauru – São Paulo. E-mail: historiaferramenta@terra.com.br. (<http://lattes.cnpq.br/8903076321344738>)

## Introdução: breve história de Bauru

Ao longo dos anos, a cidade constituiu-se como um espaço de coexistência da natureza e das culturas, de forma que cada uma representa um modo específico de viver pautado nos territórios que são inventados e reinventados e que originam os espaços de sociabilidades, como espaços públicos, privados, praças, teatros e cinemas<sup>3</sup>. Segundo Macêdo e Andrade<sup>4</sup>, “a cidade é feita de matéria e de símbolo, e ambos lhe garantem múltiplas facetas”. Para que se compreenda essa dinâmica, é necessário pensar a cidade para além de sua organização espacial e verificar as relações políticas, econômicas, sociais e culturais que são construídas por seus cidadãos no decorrer dos anos e que são geradoras de variadas identidades.

O presente artigo objetivou refletir sobre a memória urbana e seu papel na construção de identidades com foco na cidade de Bauru, situada no centro-oeste do estado de São Paulo, que teve seu desenvolvimento ligado ao café comercializado por meio das três principais ferrovias do estado: Estrada de Ferro Sorocabana (1905), Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1906) e Cia. de Estrada de Ferro Paulista (1910). É possível traçar um paralelo entre Bauru e Brasil, uma vez que ambos foram reféns de uma modernização ocasionada pelo desenvolvimento ferroviário no território<sup>5</sup>.

No início do século XX, devido às características supracitadas, a elite bauruense é tida como representação do mesmo nível de desenvolvimento

---

<sup>3</sup> MACEDO, Cibele Mariano Vaz de; ANDRADE, Regina Glória Nunes. Cinelândia: Território de Expressão de Culturas Urbanas e Processos de Subjetivação. XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 39, 2016, São Paulo. São Paulo: Intercom, 2016, p. 3.

<sup>4</sup> MACEDO, Cibele Mariano Vaz de; ANDRADE, Regina Glória Nunes. Cinelândia: Território de Expressão de Culturas Urbanas e Processos de Subjetivação. XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 39, 2016, São Paulo. São Paulo: Intercom, 2016, p. 10.

<sup>5</sup> PALLOTTA, Fabio Paride; CARNEIRO, Willian Henrique dos Reis. Exclusão e negritude em Bauru: lembranças de Pelezinho. In: 4º Encontro de Pesquisa em História: a década do Afrodescendente, v. 4, Bauru: USC, 2016, p. 99.

dos grandes centros econômicos do estado de São Paulo, tal ponto pode ser salientado pela presença do automóvel, meio de locomoção que acabaria por substituir a ferrovia<sup>6</sup>.

Representantes do modernismo, como o poeta Menotti del Picchia e o jornalista Brenno Ferraz, ao visitarem a cidade<sup>7</sup>, promoveram publicações modernistas como a “Revista Pheonix”, responsável por reunir os melhores elementos da nova geração artística e o desenvolvimento da “Política dos Banquetes”, estes que foram oferecidos às pessoas com capital social elevado<sup>8</sup>.

Os *banquetes* apresentaram-se como uma prática comum entre as elites políticas e econômicas na cidade e foram realizadas com certa frequência. Essa prática reafirmava os laços de solidariedade entre os participantes, dava *status social* e servia, também, para a solicitação de reivindicações e vantagens pessoais ou dos grupos interessados. Em virtude da importância e destaque que receberam estes eventos, por meio dos jornais pesquisados, as questões políticas e sociais que eles encerravam remeteram ao questionamento sobre o ato de comer em público a partir de uma espécie de cerimonial.<sup>9</sup>

Pensar sobre a cidade de Bauru é também considerar toda a conjuntura política, econômica, social e cultural na qual o Brasil se encontrava. A cidade, por possuir uma forte ferramenta que auxiliava no transporte de café de toda a região centro-oeste de São Paulo, aumenta concomitante ao crescimento do país.

Tendo terminado o governo de Getúlio Vargas (1930-1937), seguido pela ditadura, o Estado Novo (1937-1945), seguiu-se a esperança de que o

---

<sup>6</sup> PALLOTTA, Fábio Paride. *A ferrovia e o automóvel: ícones da modernidade na cidade de Bauru (1917-1939)*. 2008. 142 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2008.

<sup>7</sup> PELEGRINA, Gabriel Ruiz. *Memórias de um ferroviário*. Bauru: Edusc (USC), 2000, p. 29.

<sup>8</sup> PALLOTTA, Fábio Paride; CARNEIRO, Willian Henrique dos Reis. Exclusão e negritude em Bauru: lembranças de Pelezinho. In: *4º Encontro de Pesquisa em História: a década do Afrodescendente*, v. 4, Bauru: USC, 2016, p. 99-100.

<sup>9</sup> PALLOTTA, Fábio Paride. *A ferrovia e o automóvel: ícones da modernidade na cidade de Bauru (1917-1939)*. 2008. 142 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2008, p. 30.

caminho do âmbito político brasileiro pudesse alcançar os moldes democráticos e romper com a antiga República das Oligarquias e com o governo autoritário da Era Vargas<sup>10</sup>.

No entanto, há no ano de 1964 o chamado Golpe Civil Militar com duração até o ano de 1985. Durante o período, diversas lideranças políticas que faziam ferrenha oposição ao governo foram perseguidas. Nesse meio tempo as manifestações populares foram vigiadas, de forma a considerar a “arte popular como ‘não arte’ e proibida de se apresentar no Brasil ou representar o país em exposições internacionais pelos generais-presidentes”<sup>11</sup>.

Conforme abordado pelos historiadores Pallotta e Carneiro:

Era o “Brasil Grande”, inserido na economia mundial e financiado pelos recursos econômicos disponíveis aos “países confiáveis” (ditaduras militares ou pessoais pró E.U.A) do Bloco Capitalista durante a Guerra Fria. Culturalmente entrávamos de cabeça na indústria cultural televisiva através do acordo Time Life-Globo de 1962 que permitiu a criação da Rede Globo 3 anos mais tarde, em 1965, como representante do “American Way of Life” e que passou a ditar, até a chegada da Era Digital, como deveria ser a cultura produzida e consumida no Brasil.<sup>12</sup>

Considerando essa influência exterior, o meio que faz jus a tal processo é o Cinema. Plataforma capaz de transmitir valores, culturas, modas e, acima de tudo, influenciar o pensamento, o cinema se fez presente na vida cotidiana do brasileiro durante o século XX e ganha força a partir da década de 60, permanecendo até a atualidade.

---

<sup>10</sup> PALLOTTA, Fabio Paride; CARNEIRO, Willian Henrique dos Reis. Exclusão e negritude em Bauru: lembranças de Pelezinho. In: *4º Encontro de Pesquisa em História: a década do Afrodescendente*, v. 4, Bauru: USC, 2016, p. 101.

<sup>11</sup> PALLOTTA, Fabio Paride; CARNEIRO, Willian Henrique dos Reis. Exclusão e negritude em Bauru: lembranças de Pelezinho. In: *4º Encontro de Pesquisa em História: a década do Afrodescendente*, v. 4, Bauru: USC, 2016, p. 101.

<sup>12</sup> PALLOTTA, Fabio Paride; CARNEIRO, Willian Henrique dos Reis. Exclusão e negritude em Bauru: lembranças de Pelezinho. In: *4º Encontro de Pesquisa em História: a década do Afrodescendente*, v. 4, Bauru: USC, 2016, p. 101.

Segundo os pesquisadores José Favaro e Henry Favaro<sup>13</sup>, esse período ficou conhecido como a *Belle Époque* brasileira, porque consistiu em eliminar o aspecto provinciano e colonial e afastar os pobres, negros e índios do centro dos grandes centros urbanos, a fim de proporcionar o controle de doenças e a atração de turistas europeus.

A Cinelândia Bauruense foi motivo de euforia social ao representar os anseios da elite de Bauru de se igualar aos grandes centros urbanos. A cidade do centro-oeste paulista, com sua economia cafeeira e seu polo ferroviário, possuía ares que remetiam às grandes capitais dos estados brasileiros. Atualmente, os transeuntes desconhecem a história negligenciada pelo esquecimento da memória do centro bauruense.

Diante do exposto, a proposta foi trabalhar a construção da Cinelândia Bauruense e seu atual esquecimento. No primeiro tópico, abordou-se a importância da preservação da memória como elemento fundamental na criação da identidade. Posteriormente, como forma de detalhar o principal foco deste artigo, foi realizada a apresentação das sociabilidades existentes na Cinelândia Bauruense, relacionando-a com os exemplos dos centros de SP e RJ, e discutida a preservação da memória desse local e o seu esquecimento, ocasionado pelo advento dos cinemas dos *Shoppings* e a falta de interesse popular em resgatar a memória do centro da cidade.

### **Memória coletiva, identidade e História**

Conforme detalhado por Pierre Nora<sup>14</sup>, e salientado pela historiadora Cristiani da Silva<sup>15</sup>, percebe-se um declínio da chamada sociedades-

---

<sup>13</sup> FAVARO, José Estevão; FAVARO, Henny Aguiar Bizarro Rosa. Uma Breve História das Salas de Cinema na Cidade de São Paulo. *Anais: COMUNICON - Congresso Internacional Comunicação e Consumo*, São Paulo, 2015. p. 1-2.

<sup>14</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n. 10, São Paulo: PUC, dez. 1993, p. 8.

memória que tiveram o importante papel de construir uma narrativa elaborada com o objetivo de estruturar um passado nacional comum e que, atualmente, cedem lugar a uma heterogeneidade de memórias individuais e coletivas com características efêmeras e que não possuem a necessidade de compatibilidade entre si.

Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato e do sentido. Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história.<sup>16</sup>

Como principal causa de tal ocorrência, Nora trabalha a aceleração contemporânea, fenômeno este responsável por evidenciar a distância entre a memória verdadeira, social, intocada e a história, cujo dever social é lembrar as sociedades o que elas esquecem devido às mudanças perpetuadas pelas ações dos homens nos tempos modernos.<sup>17</sup>

Surgiram desdobramentos dessa situação, como questões sobre “memória coletiva, consciência histórica, disputas pelas memórias, dever de memória etc”<sup>18</sup>. Silva define consciência histórica e nos lança reflexões a respeito da validade da construção das memórias a partir de um passado que se encontra em crise:

Consciência histórica, assim, seria uma forma específica de memória histórica e cognitivamente poderia ser descrita como uma forma de significar a experiência do tempo a partir da interpretação do

---

<sup>15</sup> SILVA, Cristiani Bereta da. Que memória? Que história?: Usos do passado e o ensino de História a partir do presente. In: GONÇALVES, Janice. *História do tempo presente: oralidade, memória, mídia*. Itajaí, SC: Casa Aberta, 2016. p. 119.

<sup>16</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n. 10, São Paulo: PUC, dez. 1993, p. 8-9.

<sup>17</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n. 10, São Paulo: PUC, dez. 1993, p. 8.

<sup>18</sup> SILVA, Cristiani Bereta da. Que memória? Que história?: Usos do passado e o ensino de História a partir do presente. In: GONÇALVES, Janice. *História do tempo presente: oralidade, memória, mídia*. Itajaí, SC: Casa Aberta, 2016, p. 121.

passado, de modo a possibilitar a compreensão do presente e projetar o futuro. A questão é que, se o passado não possui mais a força capaz de resultar numa vontade coletiva de construção de um futuro, mas sim a expressão de uma descrença e até dissolução do futuro, a orientação temporal dos sujeitos individuais e coletivos se altera significativamente.<sup>19</sup>

Dessa forma, há diversas problemáticas a se considerar quando são utilizadas as memórias individuais e as coletivas na construção do discurso histórico. No que se refere à memória individual, é necessário que se leve em consideração a sua subjetividade, capaz de interferir nos fatos e vivências de acordo com a afetividade, segundo o geógrafo Maurício Abreu<sup>20</sup>. Entretanto, pensar a memória individual de maneira isolada é encará-la de forma incompleta, uma vez que, muitos dos seus referentes são sociais, o que garante uma memória intersubjetiva, compartilhada e coletiva<sup>21</sup>.

Abreu, para fundamentar sua definição de memória coletiva, apresenta os estudos do filósofo Maurice Halbwachs:

O que é, entretanto, a memória coletiva? Para Halbwachs, ela é um conjunto de lembranças construídas socialmente e referenciadas a um conjunto que transcende o indivíduo. Halbwachs não cansa de enfatizar o caráter familiar, grupal, social, da memória. Sem negar importância à memória individual, para ele a capacidade de lembrar é determinada, não pela aderência de um indivíduo a um determinado espaço, mas pela aderência do grupo do qual ele faz parte àquele mesmo espaço: um espaço em que se habitou, um espaço em que se trabalhou, um espaço em que se viveu. Um espaço, enfim, que foi compartilhado por uma coletividade durante um certo tempo, seja ele a residência familiar, a vizinhança, o bairro, o local de trabalho.<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> SILVA, Cristiani Bereta da. Que memória? Que história?: Usos do passado e o ensino de História a partir do presente. In: GONÇALVES, Janice. *História do tempo presente: oralidade, memória, mídia*. Itajaí, SC: Casa Aberta, 2016, p. 125.

<sup>20</sup> ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras: Geografia*, v. 14, Universidade do Porto (porto), 1998, p. 83.

<sup>21</sup> ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras: Geografia*, v. 14, Universidade do Porto (porto), 1998, p. 84.

<sup>22</sup> ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras: Geografia*, v. 14, Universidade do Porto (porto), 1998, p. 84.

Conforme as reflexões apresentadas acima, é perceptível a importância dos espaços sociais urbanos na composição das memórias individuais e coletivas de um determinado grupo. A coexistência de tais sociabilidades garante que as memórias grupais sejam interpenetradas pelas memórias do âmbito coletivo<sup>23</sup>. Contudo, o historiador precisa ter a consciência de que nem todas as memórias coletivas urbanas foram registradas, dessa forma, ele precisa perceber os vestígios do passado que ainda perduram nas paisagens das cidades ou nas instituições de memória e construir o passado, e a identidade de determinado local, a partir das possibilidades oferecidas por tais fragmentos<sup>24</sup>.

Dessa forma, o estudo da História Regional contribui para as pesquisas históricas, uma vez que pode auxiliar na compreensão da criação de identidade de um povo, bem como na sua participação ativa na sociedade em que vive e “a construção de uma História mais plural, que não silencie a multiplicidade das realidades”, conforme trabalhado por Carlos Barros<sup>25</sup>.

Tendo sua característica de análise principal pautada no recorte de uma região para estudo, é possível elencar o posicionamento do historiador Aldieris Caprini<sup>26</sup> a respeito desse tema, segundo ele “quando falamos em História Regional, estamos enfatizando a necessidade de pesquisarmos espaços e contextos que ficam esquecidos”.

Uma das práticas da História Regional é o estudo do cotidiano dessas sociedades e como a memória influenciou em sua formação, uma vez que o cotidiano deve ser visto como um objeto de estudo, pois possibilita a

---

<sup>23</sup> ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras: Geografia*, v. 14, Universidade do Porto (porto), 1998, p. 86.

<sup>24</sup> ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras: Geografia*, v. 14, Universidade do Porto (porto), 1998, p. 86.

<sup>25</sup> BARROS, Carlos Henrique Farias De. Ensino de história, memória e história local. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UNESC*, v. 2, n. 2, Santa Catarina, 2013, p. 15-17.

<sup>26</sup> CAPRINI, Aldieris Braz Amorim. Pesquisa em História regional: aspectos conceituais e metodológicos. *Anais eletrônicos do III Simpósio Impérios e lugares no Brasil*, Ouro Preto, 2010, p. 1.

visualização das transformações sofridas e realizadas pelos cidadãos, de acordo com Barros<sup>27</sup>.

O historiador Luiz Silva elenca variadas formas para auxiliar na investigação História Regional:

As possibilidades de fontes para fazer História Regional e Local são inúmeras, pode-se buscá-las em arquivos públicos e particulares, nos livros de ata da Câmara de Vereadores, em jornais, monumentos, fotos, entrevistas, livros de memorialistas, filmes, músicas, no cotidiano das pessoas e em outras infinitudes de fontes históricas.<sup>28</sup>

Conforme trabalhado por Cristiane Silva, considerar a cultura histórica, e sua relação com a memória, permite ao historiador construir a compreensão a respeito da consciência histórica presente na vida prática e, a partir de suas interpretações, entender as relações estabelecidas por uma sociedade com as temporalidades: passado, presente e futuro<sup>29</sup>.

Portanto, é dever do historiador compreender a memória e a história como pares que se complementam na construção do discurso da identidade de uma região. De acordo Silva <sup>30</sup>, “a perspectiva histórica é capaz de estabelecer relações com contextos mais abrangentes e assim evidenciar as contradições e armadilhas da memória”.

Com essa complexa metodologia de pesquisa, a identidade de uma comunidade pode ser construída e comparada com seus vizinhos e, dessa forma, tecer as relações que auxiliaram na construção nacional e desconstruir os diversos estereótipos regionais.

---

<sup>27</sup> BARROS, Carlos Henrique Farias De. Ensino de história, memória e história local. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UNESC*, v. 2, n. 2, Santa Catarina, 2013, p. 9.

<sup>28</sup> SILVA, Luís Carlos Borges da. A importância do estudo da História Regional e Local no Ensino Fundamental. *ANAIS do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade*. UESB/ ANPUH – BA, 2012, p. 98.

<sup>29</sup> SILVA, Cristiani Bereta da. Que memória? Que história?: Usos do passado e o ensino de História a partir do presente. In: GONÇALVES, Janice. *História do tempo presente: oralidade, memória, mídia*. Itajaí, SC: Casa Aberta, 2016, p. 133.

<sup>30</sup> SILVA, Cristiani Bereta da. Que memória? Que história?: Usos do passado e o ensino de História a partir do presente. In: GONÇALVES, Janice. *História do tempo presente: oralidade, memória, mídia*. Itajaí, SC: Casa Aberta, 2016, p. 134.

Bauru, enquanto polo central da região centro-oeste paulista, foi responsável por reunir em sua área central públicos de diversos locais que compareciam em sua Cinelândia. Pela análise da Cinelândia Bauruense de forma concomitante ao exemplo das capitais, aspecto trabalhado no último tópico, é possível verificar que o micro reflete bem os acontecimentos presentes no macro.

A memória é um fator importante para a escrita da História, no entanto, como proceder quando fatos caem no esquecimento? O trabalho com a memória coletiva, como ferramenta de construção da História Regional, prevê a valorização de acontecimentos presentes no cotidiano de determinada região, neste caso, sua importância na cidade de Bauru se dá pela característica de poder resgatar a memória e contribuir para a criação de uma identidade a respeito da Cinelândia.

### **As Cinelândias Paulistana e Carioca**

O pesquisador Silva Junior<sup>31</sup>, ao trabalhar a obra de Vicente de Paula Araújo intitulada “A Bela Época do Cinema Brasileiro” de 1976, nos apresenta que, no início do século XX, a hegemonia da produção cinematográfica norte americana não havia se instalado na América Latina e que a produção brasileira se mostrava significativa para a criação e representação de uma identidade artística e industrial ocasionada pela modernidade. Na década de 1910, o cinema começou a se integrar ao cotidiano das cidades na América Latina fazendo com que o território se moldasse às novas práticas de lazer e surgissem novos códigos de comportamento<sup>32</sup>. Em 1912, instalou-se uma crise na produção cinematográfica brasileira, visto que a produção nacional não conseguiu acompanhar a expansão

---

<sup>31</sup> SILVA JUNIOR, Nelson. Cinema Brasileiro primeiros anos: origens e história. In: *6º Encontro Regional Sul de História da Mídia*. Ponta Grossa-PR (UEPG), 2016, p. 2-3.

<sup>32</sup> ABREU, Jonas. A hegemonia do Cinema Americano e a formação da identidade da Cinelândia. *Revista Ciência (In) Cena*, v. 1, n. 5, 2017, p. 52.

cinematográfica ocorrida nos Estados Unidos e na França, bem como sua distribuição<sup>33</sup>. Após a Primeira Guerra Mundial, com a crise instaurada na Europa, a produção norte-americana assume a liderança mundial, passa a atingir os mercados internacionais e Hollywood se torna referência no quesito cinema<sup>34</sup>.

Nesse período, de acordo com o historiador Jonas Abreu<sup>35</sup>, os Estados Unidos foram responsáveis por reconstruir as sociabilidades urbanas pois sempre “entenderam a cultura como negócio e as produtoras americanas despejaram na Europa e na América Latina quase tudo que se viu, por exemplo, no mercado cinematográfico desde os anos 1920”.

Abreu também relaciona a influência do cinema norte-americano com a conjuntura do início do século XX:

Em síntese, deveremos concordar que a construção dos cinemas no entorno das praças ou esquinas foi motivada pelos processos de concepção e transmissão das diversas formas simbólicas e identitárias do cinema americano, mas partiram do contexto de modernidade do início do século XX. Esta paisagem cultural se relaciona a algumas simbologias universais que remetem à formação da indústria do espetáculo harmonizada com o desejo de progresso.<sup>36</sup>

Aliadas a essas influências cinematográficas estrangeiras e ao ideal de progresso, mudanças ocorreram nas grandes capitais, que se tornaram espaços transformados pelo contexto cultural e que passaram a moldar as novas identidades e sociabilidades urbanas. É nessa situação que se insere as construções das Cinelândias Brasileiras.

---

<sup>33</sup>SILVA JUNIOR, Nelson. Cinema Brasileiro primeiros anos: origens e história. In: *6º Encontro Regional Sul de História da Mídia*. Ponta Grossa-PR (UEPG), 2016, p. 3.

<sup>34</sup>SILVA JUNIOR, Nelson. Cinema Brasileiro primeiros anos: origens e história. In: *6º Encontro Regional Sul de História da Mídia*. Ponta Grossa-PR (UEPG), 2016, p. 3.

<sup>35</sup>ABREU, Jonas. A hegemonia do Cinema Americano e a formação da identidade da Cinelândia. *Revista Ciência (In) Cena*, v. 1, n. 5, 2017, p. 54.

<sup>36</sup>ABREU, Jonas. A hegemonia do Cinema Americano e a formação da identidade da Cinelândia. *Revista Ciência (In) Cena*, v. 1, n. 5, 2017, p. 55.

Bauru teve a sua Cinelândia tal qual São Paulo<sup>37</sup> e Rio de Janeiro<sup>38</sup>, capital da república até 1960, quando deixou de sê-lo devido a inauguração de Brasília. Antes de trabalharmos o que foi anteriormente posto a respeito da Cinelândia Bauruense, faz-se necessário apresentar o funcionamento, influências estrangeiras e características da Cinelândia dessas duas grandes capitais de estados brasileiros no momento de sua construção para que se possa estabelecer um comparativo.

A cidade de São Paulo teve seu desenvolvimento a partir das Ruas São Bento, Direito e Barão de Itapetininga, nessa mesma direção, seguiu a Cinelândia Paulistana, conforme abordam os pesquisadores José Favaro e Henny Favaro<sup>39</sup>. Na década de 40 houve uma concentração de grandes e rebuscadas salas de cinemas no centro tradicional, o que fez esse triângulo se expandir por volta da década de 50 e a declinar a partir dos anos 60, migrando assim para os corredores das Avenidas Ipiranga e São João<sup>40</sup>. Nesse período é possível identificar o auge da Cinelândia Paulistana, esta, fortemente influenciada pela arquitetura e funcionamento estrangeiro:

As salas de cinema de São Paulo, eram, em boa parte, inspiradas tanto nos cinemas e teatros americanos, como nos europeus, principalmente parisienses ou londrinos, visando dar aos brasileiros aficionados por cinema, o mesmo conforto daqueles locais, principalmente àqueles que viajavam ao exterior e que conheciam

---

<sup>37</sup> FAVARO, José Estevão; FAVARO, Henny Aguiar Bizarro Rosa. Uma Breve História das Salas de Cinema na Cidade de São Paulo. *Anais: COMUNICON - Congresso Internacional Comunicação e Consumo*, São Paulo, 2015.

<sup>38</sup> FERRAZ, Talitha Gomes. Cinema de rua e construções de memórias no espaço urbano da Praça Saens Peña. *Anais: 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*, Niterói (RJ): UFF, 2008.

<sup>39</sup> FAVARO, José Estevão; FAVARO, Henny Aguiar Bizarro Rosa. Uma Breve História das Salas de Cinema na Cidade de São Paulo. *Anais: COMUNICON - Congresso Internacional Comunicação e Consumo*, São Paulo, 2015, p. 4.

<sup>40</sup> FAVARO, José Estevão; FAVARO, Henny Aguiar Bizarro Rosa. Uma Breve História das Salas de Cinema na Cidade de São Paulo. *Anais: COMUNICON - Congresso Internacional Comunicação e Consumo*, São Paulo, 2015, p. 4.

os cinemas desses países, esperavam encontrar aqui algo semelhante, assim como aos imigrantes.<sup>41</sup>

No entanto, as décadas de 1970-1980 marcam seu fechamento, decorrente da especulação imobiliária, concedendo lugar a templos religiosos, salões de bingo e intensificando a presença de apartamentos residenciais e alterando profundamente as relações de sociabilidades urbanas e nas paisagens arquitetônicas que a região oferecia<sup>42</sup>.

Os anos de 1990 representam o ápice desse declínio. Nesse período houve um crescimento significativo de *shoppings centers*, de áreas de lazer, entretenimento e alimentação, o que possibilitou a obtenção de programas para toda a família tendo a praticidade e o conforto de uma praça de alimentação ao lado<sup>43</sup>.

Com o crescimento dos *shoppings* e a introdução dos cinemas em seu ambiente, há o aprimoramento tecnológico. Com a incorporação do “sistema multiplex, com salas em forma de arena (*stadium*), com uma tecnologia que permitia que uma única pessoa operasse várias salas simultaneamente, de uma única cabine”<sup>44</sup>, o público passa a preferir o conforto e segurança que o ambiente fechado oferece. A partir disso, o *shopping* ganha o espaço afetivo que um dia fora da Cinelândia paulistana.

No que remete ao Rio de Janeiro, houveram dois locais importantes: a Praça Floriano Peixoto e a Praça Saens Peña.

De acordo com Macêdo e Andrade:

---

<sup>41</sup> FAVARO, José Estevão; FAVARO, Henny Aguiar Bizarro Rosa. Uma Breve História das Salas de Cinema na Cidade de São Paulo. *Anais: COMUNICON - Congresso Internacional Comunicação e Consumo*, São Paulo, 2015, p. 6.

<sup>42</sup> FAVARO, José Estevão; FAVARO, Henny Aguiar Bizarro Rosa. Uma Breve História das Salas de Cinema na Cidade de São Paulo. *Anais: COMUNICON - Congresso Internacional Comunicação e Consumo*, São Paulo, 2015, p. 9.

<sup>43</sup> FAVARO, José Estevão; FAVARO, Henny Aguiar Bizarro Rosa. Uma Breve História das Salas de Cinema na Cidade de São Paulo. *Anais: COMUNICON - Congresso Internacional Comunicação e Consumo*, São Paulo, 2015, p. 9.

<sup>44</sup> FAVARO, José Estevão; FAVARO, Henny Aguiar Bizarro Rosa. Uma Breve História das Salas de Cinema na Cidade de São Paulo. *Anais: COMUNICON - Congresso Internacional Comunicação e Consumo*, São Paulo, 2015, p. 11.

Oficialmente denominada Praça Floriano a Cinelândia teve sua formação como território de socialidade deflagrada pela construção da Avenida Central e pelo sonho de um espanhol, Francisco Serrador, de construir uma cidade de brinquedo. Os dois eventos transformaram o antigo Largo da Mãe do Bispo no território cultural e político de maior destaque da República, durante o início do Século XX até a metade, por volta dos anos de 1950.<sup>45</sup>

Para abrigar esse novo contexto, a Praça sofreu as reformas civilizatórias promovidas durante o governo Rodrigues Alves e conduzidas por Pereira Passos e Paulo de Frontin, com o intuito de construir uma nova identidade para a cidade do Rio de Janeiro e torná-la semelhante aos moldes europeus<sup>46</sup>. Nesse processo, o foco não foi apenas a arquitetura dos prédios, mas houve uma tentativa de gerar uma “transformação na paisagem cultural da Praça Floriano, cuja função se enquadra no projeto de recriação da *Broadway* pelo empresário espanhol Francisco Serrador”, conforme abordado por Abreu<sup>47</sup>.

Serrador, ao implantar o seu projeto de construção de cinemas, sabia que apenas a venda de ingressos não seria o suficiente para integrar a população<sup>48</sup>. Dessa forma, ele investiu num sistema de consumo semelhante ao existente na *Broadway*, que, ao redor dos teatros e cinemas, contava com restaurantes, bares e cafés responsáveis por intensificar as relações e aproximá-las dos espetáculos exibidos<sup>49</sup>.

A instalação desse projeto no Rio de Janeiro foi inspirada pelas viagens que Francisco Serrador realizou aos Estados Unidos:

---

<sup>45</sup> MACEDO, Cibele Mariano Vaz de; ANDRADE, Regina Glória Nunes. Cinelândia: Território de Expressão de Culturas Urbanas e Processos de Subjetivação. XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 39, 2016, São Paulo. São Paulo: Intercom, 2016, p. 5-6.

<sup>46</sup> ABREU, Jonas. A hegemonia do Cinema Americano e a formação da identidade da Cinelândia. *Revista Ciência (In) Cena*, v. 1, n. 5, 2017, p. 58-59.

<sup>47</sup> ABREU, Jonas. A hegemonia do Cinema Americano e a formação da identidade da Cinelândia. *Revista Ciência (In) Cena*, v. 1, n. 5, 2017, p. 60.

<sup>48</sup> ABREU, Jonas. A hegemonia do Cinema Americano e a formação da identidade da Cinelândia. *Revista Ciência (In) Cena*, v. 1, n. 5, 2017, p. 62.

<sup>49</sup> ABREU, Jonas. A hegemonia do Cinema Americano e a formação da identidade da Cinelândia. *Revista Ciência (In) Cena*, v. 1, n. 5, 2017, p. 63-64.

Quando o empresário Francisco Serrador esteve por três anos nos Estados Unidos teria completado em 1925 um ciclo de conhecimento e estudo tanto na Broadway como em Hollywood, que devem ter inspirado uma melhor compreensão do projeto original que queria instalar no Rio de Janeiro. A implementação deste projeto na Praça Floriano foi efetuada por ele e seus parceiros no trecho compreendido entre o atual Amarelinho e o Odeon BR, ocupado até 1911 pelo Convento da Ajuda e adquirido por Serrador. Seu projeto se tornou realidade 14 anos depois com a inauguração dos cinemas Capitólio, Glória e Império, em 1925, seguido pelo Odeon, em 1926. As edificações de oito a doze andares continham os cinemas no andar térreo e passaram a ser chamadas de “arranha-céus”. A versão brasileira desta cultura importada seria desencadeada em associação com a música e o teatro.<sup>50</sup>

Sobre a Praça Saens Peña, a historiadora Talitha Ferraz realiza um panorama histórico do nascimento dessa Cinelândia carioca:

A primeira sala de exibição da Tijuca foi anterior à construção da Praça Saens Peña. Na primeira década do século XX, grande parte dos cinemas do bairro estava concentrada na Rua Haddock Lobo, que é a continuação da Rua Conde de Bonfim, em direção ao Centro da cidade e à Zona Sul. A Praça Saens Peña ainda não se configurava como um pólo de salas de exibição. O primeiro cinema da área surgiu em 1907, como o nome de Pathé Cinematográfico. Funcionou até 1909, na Rua Haddock Lobo, número 27. Também em 1907, nesta mesma rua, foi inaugurado o Pavilhão Progresso, que exibiu filmes por apenas quatro meses.<sup>51</sup>

Ferraz<sup>52</sup> aborda que, em seu advento, era comum que as salas de cinema possuíssem um curto tempo de vida, funcionando apenas por alguns meses. O Cinematógrafo Maracanã (de 1908 a 1909, na Rua Major Ávila), Éden Cinema (de 1909 a 1918, na Rua Conde de Bonfim) e Cinema Fábrica das Chitas (1910, na Praça Saens Peña) representaram tentativas de

---

<sup>50</sup> ABREU, Jonas. A hegemonia do Cinema Americano e a formação da identidade da Cinelândia. *Revista Ciência (In) Cena*, v. 1, n. 5, 2017, p. 62.

<sup>51</sup> FERRAZ, Talitha Gomes. Cinema de rua e construções de memórias no espaço urbano da Praça Saens Peña. *Anais: 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*, Niterói (RJ): UFF, 2008, p. 3.

<sup>52</sup> FERRAZ, Talitha Gomes. Cinema de rua e construções de memórias no espaço urbano da Praça Saens Peña. *Anais: 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*, Niterói (RJ): UFF, 2008, p. 3

introdução da experiência da exibição cinematográfica no bairro, mas nenhuma se manteve até 1920, de acordo com Alice Gonzaga<sup>53</sup>. Entretanto, é possível elencar algumas exceções de cinemas que foram inaugurados no início do século e que, após algumas reformas ou não, duraram décadas:

O Cinema Tijuca, conhecido também como Tijuquinha foi inaugurado em 1909, na Rua Conde de Bonfim, número 344. Pelo o que se tem notícia, ele seguiu até 1966 sem nenhuma grande reestruturação. O Cinema Velo veio em 1910, ocupando a área onde terminava a antiga pista do velocímetro da Tijuca. Foi um importante ponto de encontro dos moradores do bairro. Um deles fora registrado fotografia pela Revista da Semana de 8 de maio de 1915: "A festa de caridade no Cinema Velo". Este cinema só fechou em 1954, quando foi transformado em estúdio da Companhia Cinematográfica Atlântida. Mas, dos cinemas desta época, o único que vingou até a década de 1990 foi o Cine América.<sup>54</sup>

Esses prédios foram responsáveis por formar um mercado incipiente responsável por abarcar toda a Tijuca, além de filmes foram exibidos espetáculos de palco, como teatros e orquestras, e apresentações cinematográficas comerciais em grandes pavilhões, exposições, feiras e quermesses; com essas atrações plurais eles ficaram conhecidos como cine-teatros<sup>55</sup>. A década de 1950 pode ser encarada como o marco de crescimento da Cinelândia carioca, no qual mais cinemas começaram a integrar o circuito da praça, o que ocasionou a transformação de determinados *movie palaces* em duas salas de exibição menores como

---

<sup>53</sup> GONZAGA, Alice apud FERRAZ, Talitha Gomes. Cinema de rua e construções de memórias no espaço urbano da Praça Saens Peña. *Anais: 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*, Niterói (RJ): UFF, 2008, p. 3.

<sup>54</sup> FERRAZ, Talitha Gomes. Cinema de rua e construções de memórias no espaço urbano da Praça Saens Peña. *Anais: 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*, Niterói (RJ): UFF, 2008, p. 3.

<sup>55</sup> FERRAZ, Talitha Gomes. Cinema de rua e construções de memórias no espaço urbano da Praça Saens Peña. *Anais: 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*, Niterói (RJ): UFF, 2008, p. 3-4.

estratégia das empresas do setor para diminuir os custos dos cinemas de rua<sup>56</sup>.

A arquitetura possuiu um fator decisivo nesse processo de crescimento pois dialogava com a exibição dos filmes. Conforme abordado por Talitha Ferraz<sup>57</sup> a expressão artística presente nesses edifícios, em conjunto com as obras cinematográficas, funcionavam ativamente na produção do imaginário das pessoas, uma vez que, suas silhuetas e superfícies, que sustentavam os palácios do cinema e as salas mais simples, integraram-se aos espaços sociais como adornos complementares atizando sentidos e percepções.

Os cinemas eram contemplados não apenas pelas obras cinematográficas que exibiam, mas também por sua materialidade que influenciava a visão, tato e olfato dos transeuntes da Praça Saens Peña e, mesmo após seu declínio na década de 1990, os cinemas continuaram presentes, de maneira simbólica, nos espaços agora utilizados para atividades diversificadas<sup>58</sup>.

### **Cinelândia bauruense, o esquecimento e os cinemas de *shopping***

No que diz respeito à Bauru, a Cinelândia obteve seu auge na década de 1930 a 1960, quando começou a entrar em declínio devido ao sucesso da televisão na década de 1950. Localizava-se entre as ruas Gustavo Maciel,

---

<sup>56</sup> FERRAZ, Talitha Gomes. Cinema de rua e construções de memórias no espaço urbano da Praça Saens Peña. *Anais: 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*, Niterói (RJ): UFF, 2008, p. 8-9.

<sup>57</sup> FERRAZ, Talitha. Entre arquiteturas e imagens em movimento: cinemas, corporeidades e espetação cinematográfica na Tijuca. *Logos: Comunicação e Universidade*, v. 17, n. 1, Rio de Janeiro, 2010, p. 45.

<sup>58</sup> FERRAZ, Talitha. Entre arquiteturas e imagens em movimento: cinemas, corporeidades e espetação cinematográfica na Tijuca. *Logos: Comunicação e Universidade*, v. 17, n. 1, Rio de Janeiro, 2010, p. 44-45.

1º de agosto e Agenor Meira, região em que estavam presentes os principais cinemas da cidade<sup>59</sup>.

**Figura 1:** Antigo Cine Bauru



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Bauru

A região central abarcou quatro cinemas: na rua Gustavo Maciel estava localizado o Cine Vila Rica; na rua 1º de Agosto o Cine Bauru (Figura 1)<sup>60</sup>, inaugurado em 26 de março de 1938, em Art Deco, seguindo o estilo da Estação Ferroviária Central, com 1600 lugares, mezanino e palco italiano; ainda na rua 1º de Agosto estavam o Cine Capri e o Cine São Paulo de menor tamanho, mas igual importância<sup>61</sup>.

A região foi importante por integrar o cotidiano popular bauruense, pois abrigava “os cafés, que reuniam políticos, artistas, curiosos, e pelas sociabilidades desenvolvidas no local”<sup>62</sup>. Tendo tais informações elencadas, é possível verificar que a Cinelândia Bauruense, tal como a Paulistana e a

<sup>59</sup> PALLOTTA, Fabio Paride; CARNEIRO, Willian Henrique dos Reis. Exclusão e negritude em Bauru: lembranças de Pelezinho. In: *4º Encontro de Pesquisa em História: a década do Afrodescendente*, v. 4, Bauru: USC, 2016, p. 102.

<sup>60</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE BAURU. Antigo Cine Bauru.

<sup>61</sup> PALLOTTA, Fabio Paride; CARNEIRO, Willian Henrique dos Reis. Exclusão e negritude em Bauru: lembranças de Pelezinho. In: *4º Encontro de Pesquisa em História: a década do Afrodescendente*, v. 4, Bauru: USC, 2016, p. 102.

<sup>62</sup> PALLOTTA, Fabio Paride; CARNEIRO, Willian Henrique dos Reis. Exclusão e negritude em Bauru: lembranças de Pelezinho. In: *4º Encontro de Pesquisa em História: a década do Afrodescendente*, v. 4, Bauru: USC, 2016, p. 102.

Carioca, não se restringia a exibições cinematográficas, mas era completa influenciadora das sociabilidades urbanas.

A psicóloga e antropóloga Janice Caiafa<sup>63</sup> propõe a teoria de “ocupações coletivas”, na qual aborda que os transeuntes da Cinelândia Carioca experimentaram um forte vínculo de sociabilidade, uma vez que ir à sessão de cinema não era apenas a apreciação de filmes, mas também circular no espaço urbano, deparar-se com diferenças, povoar e desejar os territórios de forma a assumir uma relação criadora e ativa com o urbano. Essa teoria foi inspirada no conceito “agenciamentos coletivos” proposto por Deleuze e Guattari<sup>64</sup> no século XX, que busca as relações múltiplas que conectam diversos elementos e que, por meio delas, as formas heterogêneas não são reduzidas à meras identificações delimitadas, mas a experiências de trocas e de abertura ao outro sem a tentativa de reduzi-lo a nossa própria identidade ou discriminá-lo, ou seja, possuem o objetivo de criação de intercâmbios que ultrapassem o comportamento e influenciem o imaginário.

A partir desse aparato teórico é possível evidenciar que as sociabilidades da Cinelândia foram estruturadas nos intercâmbios entre espaço urbano, salas de cinema, obras cinematográficas e indivíduos nas diversificadas formas de viver, o que resultou num compartilhamento de experiências e apropriações do espaço das cidades e criação de inúmeras memórias afetivas<sup>65</sup>.

Pensar o caso bauruense nesses moldes é considerar a sua característica enquanto cidade central do interior paulista e sua importância

---

<sup>63</sup> CAIAFA, Janice apud FERRAZ, Talitha Gomes. Cinema de rua e construções de memórias no espaço urbano da Praça Saens Peña. *Anais: 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*, Niterói (RJ): UFF, 2008, p. 5-6.

<sup>64</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Vol. 5*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 232-234.

<sup>65</sup> FERRAZ, Talitha Gomes. Cinema de rua e construções de memórias no espaço urbano da Praça Saens Peña. *Anais: 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*, Niterói (RJ): UFF, 2008, p. 6.

para a expansão cafeeira. Devido à ferrovia e a mobilidade comercial que ela proporcionava, Bauru reuniu em sua região central personalidades de diversas regiões do estado que, em busca de relações comerciais, auxiliaram no crescimento da cidade, bem como na movimentação do local.

O cotidiano central bauruense era marcado pelas trocas culturais existentes entre as relações comerciais, impulsionadas pelo café uma vez que a estação central fazia a distribuição do produto para outros lugares, e pelas relações sociais, tendo a Cinelândia Bauruense influenciado fortemente no imaginário popular daquela época como forma de entretenimento e criação da identidade de pertencimento.

No entanto, com o passar dos anos e o crescimento do imaginário comercial, a memória e a identidade criada pela Cinelândia Bauruense perdeu-se no tempo. Assim como nos grandes centros, o *Shopping Center* chegou para alterar todo o cotidiano da cidade. Com a chegada e instalação do cinema *multiplex*, caracterizado por reunir diversas salas com conforto e tecnologia onde cada uma exhibe um filme diferente, no *Shopping* na década de 1990<sup>66</sup>, o público passa a optar por uma nova forma de apreciar as obras cinematográficas.

Segundo Pena<sup>67</sup>, os *shoppings* possibilitaram que grande parte do comércio, dos serviços e dos cinemas que antes eram encontrados nas ruas do centro, fossem colocados no interior de uma só edificação, o que proporcionou conforto, segurança e facilidade na vida da população. Marc Augé define os *shoppings*, assim como os aeroportos e locais com estruturas semelhantes, como “não-lugares”, pois tais espaços servem para o trânsito itinerário da população e perdem suas formas de representação única, e

---

<sup>66</sup> FIAMONCINI, Marina Leonardi et al. Sete dias com a Sétima Arte. *Anais: X INTERCOM - Comunicação, Educação e Cultura na Era Digital*, Blumenau: FURB, 2009. p. 2.

<sup>67</sup> PENA, João Soares. Cinemas de Salvador: apogeu e decadência dos cinemas de rua. *O Olho da História: Revista de Teoria, Cultura, Cinema e Sociedades*, n. 18, Salvador (BA), 2012, p. 1-2.

isso faz com que sejam muito similares ao redor do mundo<sup>68</sup>. O lugar da Cinelândia foi tomado por um estabelecimento que reúne diversos itens comerciais e que transformou os antigos cinemas em um mero mercado. Os antigos espaços de sociabilidades e criação de identidades foram redefinidos nesse imaginário comercial e global.

O descaso com a Cinelândia Bauruense pode ser percebido um pouco antes da inauguração do primeiro *shopping* da cidade. No final da década de 1970, o Cine Bauru mudou para a rua Treze de Maio e, no fim da década de 90 e início dos anos 2000, as duas salas restantes sofreram diversas críticas devido ao seu estado de funcionamento precário, péssima conservação e da baixa qualidade do som e da projeção dos filmes<sup>69</sup>. Atualmente, no local onde residia o Cine Bauru na rua 1º de Agosto funciona uma agência do Banco Santander (Figura 2)<sup>70</sup> e sua segunda sede na Rua Treze de Maio foi demolida (Figura 3)<sup>71</sup>.

**Figura 2:** Prédio do atual Banco Santander, local onde funcionava o antigo Cine Bauru na Rua 1º de Agosto



**Fonte:** Google Maps, 2017

<sup>68</sup> COSTA, Maria Cristina Castilho. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005, p. 236.

<sup>69</sup> JORNAL DA CIDADE. Cine Bauru fecha as portas e destino do prédio é incerto. *Jornal da Cidade*. Bauru, 08 ago. 2008.

<sup>70</sup> GOOGLE MAPS. Banco Santander na Rua 1º de Agosto, 2019.

<sup>71</sup> JORNAL DA CIDADE. Demolição do Cine Bauru entra em nova fase. *Jornal da Cidade*. Bauru, 27 fev. 2012.

**Figura 3: Demolição do Cine Bauru na Rua Treze de Maio em 2012**



**Fonte:** Jornal da Cidade – JCNET

A partir da inauguração do Bauru Shopping no ano de 1989<sup>72</sup>, este que possui um cine multiplex em suas instalações inaugurado em 2006<sup>73</sup>, o cotidiano bauruense alterou-se e, como consequência, promoveu o esquecimento do que antes fora a Cinelândia no centro da cidade. Os transeuntes de hoje caminham pelas calçadas e desconhecem a história e as relações construídas a partir das exposições e instalações cinematográficas.

---

<sup>72</sup> JORNAL DA CIDADE. Bauru Shopping faz 27 anos hoje: Marcas consolidadas e novos empreendedores buscam instalar negócios no centro de compras. *Jornal da Cidade*. Bauru, 25 nov. 2016.

<sup>73</sup> JORNAL DA CIDADE. Cine Bauru fecha as portas e destino do prédio é incerto. *Jornal da Cidade*. Bauru, 08 ago. 2008.

**Figura 4:** Cine Shopping Atenas, antigo Cine Vila Rica



**Fonte:** Google Maps, 2011 (<https://goo.gl/maps/B8gNeuBbgvrw9Cpb8>, acesso: 19 dez. 2019)

**Figura 5:** Demolição do prédio do antigo Cine Vila Rica em 2019



**Fonte:** Jornal da Cidade - JCNET

Recentemente, o prédio do Cine Vila Rica, que em seus últimos anos de funcionamento se dedicou à exibição de filmes de cunho pornográfico, sob nome de Cine Shopping Atenas (Figura 4)<sup>74</sup>, prática que foi recorrente

<sup>74</sup> GOOGLE MAPS. Cine Shopping Atenas, 2011.

em exibição na década de 70 em diversos cinemas nacionais<sup>75</sup>, foi demolido (Figura 5)<sup>76</sup>. Durante o processo de demolição, devido a um mal isolamento da área, uma pedestre morreu após ser atingida por uma parede que caiu<sup>77</sup>, fato que resultou na interdição da obra, mas que foi liberada novamente<sup>78</sup>.

A imagem da Cinelândia Bauruense foi fadada ao esquecimento, e os resquícios de sua história e a inexistência de seus espaços de memória encontram-se estampados na imprensa com a notícia da morte de uma pessoa após a demolição do prédio de um de seus cinemas. Tal ato evidencia a importância da valorização da pesquisa da História Regional como ferramenta para resgatar a memória dos tempos áureos da Cinelândia e, através desse fragmento, construir uma parte da identidade bauruense.

### **Considerações finais**

A presente pesquisa se dedicou a abordar algumas questões referentes à história da Cinelândia Bauruense e como a sua memória encontra-se em processo de esquecimento. Todavia, incentiva-se a necessidade de novas pesquisas a respeito do tema como forma de fundamentar ainda mais a discussão e construir uma perspectiva acerca da importância de preservação da memória coletiva como aparato possível para a construção de uma identidade mais completa sobre Bauru e região.

---

<sup>75</sup> PENA, João Soares. Cinemas de Salvador: apogeu e decadência dos cinemas de rua. *O Olho da História: Revista de Teoria, Cultura, Cinema e Sociedades*, n. 18, Salvador (BA), 2012, p. 5.

<sup>76</sup> JORNAL DA CIDADE. Mulher morre após parede desabar. *Jornal da Cidade*. Bauru, 06 mar. 2019.

<sup>77</sup> JORNAL DA CIDADE. Mulher morre após parede desabar. *Jornal da Cidade*. Bauru, 06 mar. 2019.

<sup>78</sup> JORNAL DA CIDADE. Antigo cinema será totalmente demolido durante a próxima semana. *Jornal da Cidade*. Bauru, 09 mar. 2019.

Segundo o filósofo Ulpiano Bezerra de Meneses<sup>79</sup>, a memória pode ser entendida como um mecanismo de registro de informações, conhecimento e experiências, cuja finalidade é transportar eventos passados para o presente, mas que, nesse processo, sofre com o desgaste de sua integridade e, por isso, deve ser resgatada e restaurada para evitar seu esquecimento. Dessa forma, para que seja preservada, a memória deve passar por permanente processo de construção e reconstrução, uma vez que ela é “filha do presente. Mas, como seu objeto é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer projeto”<sup>80</sup>.

Conforme trabalha Meneses, existe certa distinção entre memória e História. A primeira remete a construções sociais, formadas por imagens que correspondem às identidades individuais, coletivas e nacionais; a segunda é uma forma intelectual e sistematizada de conhecimento<sup>81</sup>. Após essa distinção, o filósofo deixa claro os cuidados necessários que o historiador deve tomar ao pesquisar a memória:

Sem dúvida, na prática profissional, as exigências políticas e os compromissos científicos não deixarão de colocar dilemas eventualmente embaraçosos. Entretanto, é possível continuar fixando balizas claras para evitar, não a conspurcação de uma hipotética e indefensável pureza, mas a substituição da História pela memória: a História não deve ser o duplo científico da memória, o historiador não pode abandonar sua função crítica, a memória precisa ser tratada como objeto da História.<sup>82</sup>

---

<sup>79</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, 1992, p. 10.

<sup>80</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, 1992, p. 14.

<sup>81</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, 1992, p. 22.

<sup>82</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, 1992, p. 23.

Trabalhar com memória e História é reconhecer suas esferas distintas, mas que acabam se interpenetrando e, ao fazerem esse exercício, trabalham o mesmo objeto: o passado<sup>83</sup>. Conforme trabalhado por Silva, o nosso cotidiano está repleto de diferentes sentidos assumidos pela História e também pelas dimensões da memória, “tanto como experimento estritamente individual e subjetivo de lembrar e esquecer, quanto como em operações coletivas e intersubjetivas de vinculação ao passado”<sup>84</sup>.

Dessa forma, considerar que os indivíduos são agentes ativos nos processos de construção de suas memórias e da consciência histórica, é promover uma maior aproximação entre os dois conceitos, pois, conforme defendido por Pierre Nora:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos.<sup>85</sup>

A relação que se cria entre memória e História atualmente evidencia a necessidade de se valorizar a História como meio de se conservar a

---

<sup>83</sup> SILVA, Cristiani Bereta da. Que memória? Que história?: Usos do passado e o ensino de História a partir do presente. In: GONÇALVES, Janice. *História do tempo presente: oralidade, memória, mídia*. Itajaí, SC: Casa Aberta, 2016, p. 134.

<sup>84</sup> SILVA, Cristiani Bereta da. Que memória? Que história?: Usos do passado e o ensino de História a partir do presente. In: GONÇALVES, Janice. *História do tempo presente: oralidade, memória, mídia*. Itajaí, SC: Casa Aberta, 2016, p. 134.

<sup>85</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n. 10, São Paulo: PUC, dez. 1993, p. 13.

memória<sup>86</sup>. Portanto, não se pode falar em estagnação na relação História, memória e esquecimento. Há uma constante redefinição na memória coletiva pois, quando um período passado não é de interesse do período presente, há mudanças nos comportamentos dos grupos sociais que não são mais os mesmos de outrora<sup>87</sup>.

O caso da Cinelândia Bauruense nos permite perceber que os novos grupos sociais foram moldados pela atual conjuntura, que vê nos *shoppings* e nos cinemas multiplex, novos meios para incentivar a construção de sociabilidades, identidades e memórias. Nessa ocasião se faz presente o trabalho do historiador, pois este, ao perceber que uma memória não se sustenta devido ao esquecimento de uma determinada época, deve refletir sobre a importância de seu ofício na busca de alternativas que promovam a valorização e o registro das lembranças, de maneira que memórias históricas e identidades sejam construídas e reconstruídas.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Jonas. A hegemonia do Cinema Americano e a formação da identidade da Cinelândia. *Revista Ciência (In) Cena*, v. 1, n. 5, p. 51-72, 2017. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/cienciaincenabahia/article/view/4157>.

Acesso em: 22 dez. 2019.

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras: Geografia*, v. 14, Universidade do Porto (porto), 1998, p.77-97. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id17id273&sum=sim>. Acesso em: 20 set. 2019.

BARROS, Carlos Henrique Farias De. Ensino de história, memória e história local. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UNESC*, v. 2, n. 2, Santa Catarina, 2013, p. 1-23. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/1247>. Acesso em: 14 jan. 2019.

CAPRINI, Aldieris Braz Amorim. Pesquisa em História regional: aspectos conceituais e metodológicos. In: *Anais eletrônicos do III Simpósio Impérios e lugares no Brasil*. Ouro Preto, 2010. Disponível em: [www.ilb.ufop.br/IIIsimposio/64.pdf](http://www.ilb.ufop.br/IIIsimposio/64.pdf). Data de acesso: 08 de jan. de 2019.

---

<sup>86</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n. 10, São Paulo: PUC, dez. 1993, p. 14.

<sup>87</sup> ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras: Geografia*, v. 14, Universidade do Porto (porto), 1998, p. 84.

- COSTA, Maria Cristina Castilho. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. 264 p. Vol. 5.
- FAVARO, José Estevão; FAVARO, Henny Aguiar Bizarro Rosa. Uma Breve História das Salas de Cinema na Cidade de São Paulo. In: *COMUNICON - CONGRESSO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CONSUMO*, 2015, São Paulo. Anais. 2015. p. 1 - 15. Disponível em: [http://anais-comunicon2015.espm.br/GTs/GT7/18\\_GT07-FAVARO\\_FAVARO.pdf](http://anais-comunicon2015.espm.br/GTs/GT7/18_GT07-FAVARO_FAVARO.pdf). Acesso em: 10 set. 2019.
- FERRAZ, Talitha Gomes. Cinema de rua e construções de memórias no espaço urbano da Praça Saens Peña. In: *6º ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO*, Anais, v. 6, Niterói (RJ): UFF, 2008. p. 1 - 15. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/>. Acesso em: 23 ago. 2019.
- FERRAZ, Talitha. Entre arquiteturas e imagens em movimento: cinemas, corporeidades e espetação cinematográfica na Tijuca. *Logos: Comunicação e Universidade*, v. 17, n. 1, Rio de Janeiro, jun. 2010, p.43-55. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/549>. Acesso em: 07 jan. 2019.
- FIAMONCINI, Marina Leonardi et al. Sete dias com a Sétima Arte. In: *X INTERCOM: COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA NA ERA DIGITAL*, Anais, v. 10, Blumenau: Furb, 2009. p. 1 - 5. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/index.htm>. Acesso em: 31 jan. 2019.
- GOOGLE MAPS. Banco Santander na Rua 1º de Agosto, 2019. Disponível em: <https://goo.gl/maps/cCzPzseskppVrUH96>. Acesso em: 19 dez. 2019.
- GOOGLE MAPS. Cine Shopping Atenas, 2011. Disponível em: <https://goo.gl/maps/B8gNeuBbgvrw9Cpb8>. Acesso em: 19 dez. 2019.
- JORNAL DA CIDADE. Antigo cinema será totalmente demolido durante a próxima semana. *Jornal da Cidade*. Bauru, 09 mar. 2019. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2019/03/543944-antigo-cinema-sera-totalmente-demolido-durante-a-proxima-semana.html>. Acesso em: 20 set. 2019.
- JORNAL DA CIDADE. Bauru Shopping faz 27 anos hoje: Marcas consolidadas e novos empreendedores buscam instalar negócios no centro de compras. *Jornal da Cidade*. Bauru, 25 nov. 2016. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2016/11/486732-bauru-shopping-faz-27-anos-hoje.html>. Acesso em: 20 set. 2019.
- JORNAL DA CIDADE. Cine Bauru fecha as portas e destino do prédio é incerto. *Jornal da Cidade*. Bauru, 08 ago. 2008. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/cultura/2008/01/614610-cine-bauru-fecha-as-portas-e-destino-do-predio-e-incerto.html>. Acesso em: 20 set. 2019.
- JORNAL DA CIDADE. Demolição do Cine Bauru entra em nova fase. *Jornal da Cidade*. Bauru, 27 fev. 2012. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2012/02/336145-demolicao-do-cine-bauru-entra-em-nova-fase.html>. Acesso em: 19 dez. 2019.
- JORNAL DA CIDADE. Mulher morre após parede desabar. *Jornal da Cidade*. Bauru, 06 mar. 2019. Disponível em:

<https://www.jcnet.com.br/noticias/policia/2019/03/543760-mulher-morre-apos-parede-desabar.html>. Acesso em: 19 dez. 2019.

MACEDO, Cibele Mariano Vaz de; ANDRADE, Regina Glória Nunes. Cinelândia: Território de Expressão de Culturas Urbanas e Processos de Subjetivação. XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 39, 2016, São Paulo. São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016>. Acesso em: 21 dez. 2019.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, p. 9-24, 1992. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70497>. Acesso em: 17 dez. 2019

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n. 10, São Paulo: PUC, dez. 1993, p. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 20 set. 2019.

PALLOTTA, Fábio Paride. *A ferrovia e o automóvel: ícones da modernidade na cidade de Bauru (1917-1939)*. 2008. 142 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis-SP, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93418>. Acesso em: 19 ago. 2019.

PALLOTTA, Fábio Paride; CARNEIRO, William Henrique dos Reis. Exclusão e negritude em Bauru: lembranças de Pelezinho. In: 4º ENCONTRO DE PESQUISA EM HISTÓRIA: A DÉCADA DO AFRODESCENDENTE, v. 4, Anais. Bauru: USC, 2016, p. 99 - 112. Disponível em: <https://www.usc.br/anaiseph/>. Acesso em: 15 ago. 2019.

PELEGRINA, Gabriel Ruiz. *Memórias de um ferroviário*. Bauru: Edusc, 2000.

PENA, João Soares. Cinemas de Salvador: apogeu e decadência dos cinemas de rua. O Olho da História: *Revista de Teoria, Cultura, Cinema e Sociedades*, n. 18, Salvador (BA), jul. 2012, p.1-9. Disponível em: <http://oolhodahistoria.ufba.br/numero-18-julho-2012/>. Acesso em: 05 set. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BAURU. *Antigo Cine Bauru*. Disponível em: <http://www2.bauru.sp.gov.br/bauru.aspx?m=3>. Acesso em: 19 dez. 2019.

SILVA, Cristiani Bereta da. Que memória? Que história?: Usos do passado e o ensino de História a partir do presente. In: GONÇALVES, Janice. *História do tempo presente: oralidade, memória, mídia*. Itajaí, Sc: Casa Aberta, 2016. p. 117-139. Disponível em: [http://www.faed.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/6/livro\\_htp\\_ppgh\\_udesc.pdf#page=117](http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/6/livro_htp_ppgh_udesc.pdf#page=117). Acesso em: 20 set. 2019.

SILVA, Luís Carlos Borges da. A importância do estudo da História Regional e Local no Ensino Fundamental. In: ANAIS do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade. UESB/ ANPUH - BA, 2012. Disponível em: [http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh\\_III/luis\\_carlos.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/luis_carlos.pdf). Acesso em: 09 jan. 2019.

SILVA JUNIOR, Nelson. Cinema Brasileiro primeiros anos: origens e história. In: 6º Encontro Regional Sul de História da Mídia. Ponta Grossa-PR (UEPG), 2016. Anais. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sul/6o-encontro-2016/historia-da-midia-audiovisual-e-visual>. Acesso em: 22 dez. 2019

Artigo recebido em 16/09/2019 e aprovado em 14/01/2020.